

O Caso Epstein como Sintoma da Civilização - Testemunho, Perversão e Silêncio Cúmplice: *Uma leitura psicanalítica entre a clínica do trauma, a fantasia da lista e o real do abuso.*

The Epstein Case as a Symptom of Civilization – Testimony, Perversion, and Complicit Silence: A psychoanalytic reading between the clinic of trauma, the fantasy of "the list," and the Real of abuse.

El Caso Epstein como Síntoma de la Civilización – Testimonio, Perversión y Silencio Cómplice: Una lectura psicoanalítica entre la clínica del trauma, la fantasía de "la lista" y el Real del abuso.

L'Affaire Epstein comme Symptôme de la Civilisation – Témoignage, Perversion et Silence Complice : Une lecture psychanalytique entre la clinique du trauma, le fantasme de « la liste » et le Réel de l'abus.

Lázaro Santos Tavares
Psicanalista

Membro da Escola Freudiana – Seção Teresina (EFPT)
Membro da Associação Brasileira de Bacharéis em Psicanálise – ABBP
(em processo de alteração estatutária para Associação Brasileira de Bacharéis em Estudos Teóricos Psicanalíticos e Sociais – ABBETPS, em resposta à Portaria SERES/MEC nº 3/2026)
E-mail: lazarotavares.es@gmail.com | escolafreudianadeteresina@gmail.com

Resumo

O caso Jeffrey Epstein, mais de seis anos após sua morte (10/08/2019), persiste como um fenômeno social que desafia a distinção entre fato e ficção. A recente divulgação de documentos oficiais do FBI e do Departamento de Justiça dos EUA, longe de aplacar teorias conspiratórias, reacendeu debates sobre a existência de uma "lista de clientes" e as circunstâncias da morte de Epstein. Este artigo propõe uma leitura psicanalítica do caso a partir de três eixos: o testemunho da vítima como ato de elaboração do trauma; a estrutura perversa do agressor articulada aos conceitos freudianos e lacanianos; e o silêncio cúmplice da sociedade como sintoma de um mal-estar na civilização. A partir da constatação oficial da inexistência de uma "lista", indagamos sobre o que a busca por esse objeto revela acerca da dificuldade

contemporânea em elaborar o real da violência e da impunidade. O artigo articula a clínica psicanalítica com a análise social, demonstrando como o caso Epstein escancara as fraturas do laço social e convoca a psicanálise a sustentar sua posição ética diante do trauma e da verdade.

Palavras-chave: Caso Epstein; psicanálise; trauma; perversão; sintoma social.

Abstract

The Jeffrey Epstein case, more than six years after his death (10/08/2019), persists as a social phenomenon that challenges the distinction between fact and fiction. The recent release of official documents from the FBI and the US Department of Justice, far from appeasing conspiracy theories, has reignited debates about the existence of a "client list" and the circumstances of Epstein's death. This article proposes a psychoanalytic reading of the case based on three axes: the victim's testimony as an act of trauma elaboration; the perpetrator's perverse structure articulated with Freudian and Lacanian concepts; and society's complicit silence as a symptom of malaise in civilization. Based on the official finding that a "list" does not exist, we inquire into what the search for this object reveals about the contemporary difficulty in elaborating the real of violence and impunity. The article articulates psychoanalytic clinical practice with social analysis, demonstrating how the Epstein case exposes the fractures of the social bond and calls upon psychoanalysis to sustain its ethical position in the face of trauma and truth.

Keywords: Epstein case; psychoanalysis; trauma; perversion; social symptom.

Resumen

El caso de Jeffrey Epstein, más de seis años después de su muerte (10/08/2019), persiste como un fenómeno social que desafía la distinción entre hecho y ficción. La reciente divulgación de documentos oficiales del FBI y del Departamento de Justicia de EE.UU., lejos de apaciguar las teorías conspirativas, ha reavivado los debates

sobre la existencia de una "lista de clientes" y las circunstancias de la muerte de Epstein. Este artículo propone una lectura psicoanalítica del caso basada en tres ejes: el testimonio de la víctima como acto de elaboración del trauma; la estructura perversa del agresor articulada con conceptos freudianos y lacanianos; y el silencio cómplice de la sociedad como síntoma del malestar en la civilización. A partir de la constatación oficial de que no existe una "lista", indagamos sobre lo que la búsqueda de ese objeto revela acerca de la dificultad contemporánea para elaborar lo real de la violencia y la impunidad. El artículo articula la práctica clínica psicoanalítica con el análisis social, demostrando cómo el caso Epstein expone las fracturas del lazo social y convoca al psicoanálisis a sostener su posición ética ante el trauma y la verdad.

Palabras clave: caso Epstein; psicoanálisis; trauma; perversión; síntoma social.

Résumé

L'affaire Jeffrey Epstein, plus de six ans après sa mort (10/08/2019), persiste comme un phénomène social qui défie la distinction entre fait et fiction. La récente publication de documents officiels du FBI et du Département de la Justice des États-Unis, loin d'apaiser les théories du complot, a relancé les débats sur l'existence d'une "liste de clients" et les circonstances de la mort d'Epstein. Cet article propose une lecture psychanalytique de l'affaire à partir de trois axes : le témoignage de la victime comme acte d'élaboration du traumatisme ; la structure perverse de l'agresseur articulée aux concepts freudiens et lacaniens ; et le silence complice de la société comme symptôme du malaise dans la civilisation. Partant du constat officiel de l'inexistence d'une "liste", nous nous interrogeons sur ce que la recherche de cet objet révèle de la difficulté contemporaine à élaborer le réel de la violence et de l'impunité. L'article articule la pratique clinique psychanalytique avec l'analyse sociale, démontrant comment l'affaire Epstein expose les fractures du lien social et appelle la psychanalyse à soutenir sa position éthique face au traumatisme et à la vérité.

Mots-clés: affaire Epstein; psychanalyse; traumatisme; perversion; symptôme social.

INTRODUÇÃO: O SINTOMA E O ESPETÁCULO

O caso Jeffrey Epstein retorna à cena pública não apenas como um escândalo judicial, mas como um fenômeno social complexo que expõe nossa dificuldade coletiva em elaborar o real do abuso e da impunidade. A liberação de milhões de páginas de documentos, combinada com as conclusões oficiais do FBI e do Departamento de Justiça dos EUA, produziu um paradoxo: quanto mais informações se tornam públicas, mais a confusão entre fato e ficção se aprofunda.

Este artigo não pretende oferecer um diagnóstico à distância, posição que a ética psicanalítica recusa. Antes, investiga as coordenadas subjetivas e sociais que o caso convoca. Partimos do testemunho de Virginia Roberts Giuffre em *Garota de Ninguém* para compreender o trauma e sua elaboração pela via da narrativa. O **Testemunho**, aqui, representa a voz do sujeito que quebra a barreira da desmentida (*Verleugnung*). Na clínica, como observamos em casos de vulnerabilidade institucional ou não, onde há um silêncio imposto, o corpo acaba por falar. O testemunho é, portanto, o ato fundamental de subjetivar o trauma.

Em seguida, examinamos a estruturação perversa que a montagem do caso parece indicar, articulando os conceitos freudianos de compulsão à repetição e denegação com a noção lacaniana de gozo. Prosseguimos analisando o caso como sintoma social, dialogando com a leitura do psicanalista Washington Araújo sobre a "engrenagem obscena do poder global". Por fim, a partir da constatação oficial da inexistência de uma "lista de clientes", interrogamos o que a busca por esse objeto fantasmático revela sobre o mal-estar na civilização contemporânea. No contexto desta análise, a **Perversão** não é lida como "maldade" moral, mas como a estrutura clínica que instrumentaliza o outro, reduzindo sujeitos à condição de mercadoria e objeto para o gozo. É o ponto central para entender como a engrenagem de Epstein operava.

Esta análise nos leva ao **Silêncio Cúmplice**, o elo entre a patologia individual e a resistência institucional. Assim como certas instituições psicanalíticas podem silenciar para proteger o "mercado", a rede de Epstein silenciou para proteger o poder, servindo-se de uma "indignação de fachada" que mascara a manutenção do *status quo*.

Esta proposta retira o caso Epstein da fofoca midiática e o coloca no lugar de um **analisador social**. A psicanálise nos ensina que o sintoma retorna porque não foi

elaborado. O caso Epstein, em sua insistência, nos convoca a escutar o que retorna e a sustentar uma posição ética diante do real que ele escancara. Este texto apresenta-se como um **Manifesto** que valida a psicanálise como ferramenta de leitura do social, reafirmando que apenas uma formação sólida, pautada no **Tripé (Análise, Supervisão e Teoria)**, permite ao analista suportar o peso desse Real sem sucumbir às resistências do sistema.

1. O TESTEMUNHO DE VIRGINIA GIUFFRE: A QUEBRA DA DESMENTIDA E A ENGRENAGEM DO GOZO

O lançamento do livro *Garota de Ninguém*, de Virginia Roberts Giuffre (2024), escrito em parceria com Amy Wallace, constitui um documento fundamental para acessar o caso pela ótica de quem sobreviveu. Virginia não apenas relata o aliciamento sofrido na adolescência, mas detalha o funcionamento de uma engrenagem que a reduziu sistematicamente à condição de objeto. Seu testemunho não é um mero relato factual — é um ato.

O **Testemunho surge aqui como um Furo no Real**: o perverso trabalha ativamente para que a vítima se sinta cúmplice ou um objeto sem voz, mas o ato de Virginia é o gesto clínico de retomar a posição de sujeito. Ela retira o abuso da dimensão do "acontecimento privado" e o projeta na *pólis*, forçando a civilização a abandonar o fingimento e encarar o que foi recalcado. Como já enfatizado, este texto, portanto, retira o caso Epstein da fofoca midiática e o coloca no lugar de um **analisador social**.

1.1 O trauma e a compulsão à repetição

Do ponto de vista psicanalítico, o trauma não reside apenas no evento em si, mas na impossibilidade de simbolização. Em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud descreve a compulsão à repetição como a tentativa do psiquismo de dominar *a posteriori* um excesso — um "além" — que não pôde ser inscrito psiquicamente no momento do acontecimento. O sujeito repete não porque deseja o sofrimento, mas porque algo do ocorrido não encontrou representação e, portanto, insiste em retornar. As vítimas de Epstein, muitas delas adolescentes em situação de vulnerabilidade, foram capturadas por uma máquina de gozo que as fixou nesse lugar de objeto. O silêncio que frequentemente se segue ao abuso, muitas vezes confundido com

esquecimento ou convivência, constitui a própria linguagem do trauma. Virginia testemunha: "Eu aprendi que falar não adiantava. As pessoas não queriam ouvir" (Giuffre & Wallace, 2024, p. 78). Esse aprendizado é a internalização da violência — o silêncio imposto torna-se silêncio incorporado.

Aqui, percebemos a Perversão como uma Engrenagem: Epstein não agia sozinho; sua estrutura dependia da instrumentalização absoluta do outro. Não se trata de "maldade" moral, mas de uma estrutura que transforma pessoas em mercadoria para sustentar a fantasia de um mundo paralelo onde o desejo do perverso é a única lei soberana. É uma fome insaciável que devora subjetividades, ecoando onde o sistema cala, o corpo grita.

1.2 O testemunho como elaboração e resistência

O livro de Virginia é, em si, um ato analítico. Testemunhar publicamente significa retomar a palavra, sair do lugar de objeto e ocupar o lugar de sujeito de uma narrativa. Freud, em *Recordar, repetir e elaborar* (1914), estabelece os fundamentos dessa operação: é pela via da narrativa, endereçada a um Outro que escuta, que o trauma pode ser elaborado. A repetição, que até então atuava cegamente, pode ceder lugar à memória.

O Silêncio Cúmplice surge como o Anteparo necessário para a manutenção do sistema. O silêncio imposto pelo poder, pela vergonha e pela complexidade do laço social que acobertou o abuso não é um acidente — é parte constituinte da violência. Rompê-lo, como fez Giuffre, constitui um ato de resistência psíquica e política. A psicanálise reconhece nesse gesto a passagem fundamental da posição de objeto para a posição de sujeito desejante.

Essa ruptura expõe a desmentida (*Verleugnung*) social: o mecanismo que permite ao entorno saber do horror, mas agir como se não soubesse. É a mesma resistência que aponta nas instituições que protegem o mercado em vez da ética; uma "indignação de fachada" que só sobrevive enquanto o silêncio institucional a protege.

1.3 A transferência no testemunho público

Há ainda uma dimensão transferencial no testemunho público. Ao endereçar sua história a leitores anônimos, Virginia convoca cada um a ocupar o lugar de

testemunha. Essa convocação produz efeitos: alguns respondem com empatia, outros com incredulidade, outros ainda com a fantasia conspiratória que busca diluir o trauma individual em uma narrativa maior. A psicanálise nos adverte que o lugar de testemunha é ético — exige que sustentemos a escuta sem desviar o olhar, sem transformar a dor em espetáculo.

Este capítulo funciona, portanto, como um Manifesto que valida a psicanálise como ferramenta de leitura do social. A análise dessa engrenagem revela que somente através do Tripé (Análise, Supervisão e Teoria) é que o analista pode desenvolver a sustentação necessária para ler o Real que o abuso escancara, transformando a indignação em ato analítico e validando a formação sólida como o único ganho real para a psicanálise diante da barbárie contemporânea.

2. A PSICOPATOLOGIA DO AGRESSOR: JEFFREY EPSTEIN E A ESTRUTURA DA PERVERSÃO

Investigar a subjetividade de Jeffrey Epstein não significa diagnosticá-lo à distância — posição que a ética psicanalítica recusa terminantemente. Trata-se, antes, de pensar as coordenadas estruturais que a montagem do caso parece indicar e que podem iluminar a compreensão de fenômenos semelhantes.

2.1 Perversão e gozo: o "mestre de cerimônias"

A estruturação do caso Epstein aponta fortemente para o campo da perversão. Diferentemente da neurose, onde o conflito psíquico produz sintomas que interrogam o sujeito, na perversão o sujeito se coloca como instrumento de um gozo que não é apenas o seu, mas o que ele supõe no Outro. Lacan, em seu Seminário, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), situa a perversão como uma das estruturas clínicas, caracterizada pela denegação da castração e pela tentativa de fazer existir um gozo sem falta.

A montagem operada por Epstein — a ilha particular, os voos internacionais, o aliciamento sistemático de menores — não visava apenas à satisfação pessoal. Organizava-se para **oferecer** meninas a homens poderosos. Isso remete à noção lacaniana de que o perverso se faz objeto para tamponar a falta no Outro. Ele opera como o "mestre de cerimônias" do gozo, orquestrando cenas em que o desejo se

reduz à pura satisfação pulsional, sem mediação simbólica. A alcunha de sua propriedade, "Ilha da Fantasia", adquire assim uma ironia cruel e precisa: a fantasia, para o perverso, deixa de ser o palco do desejo para se tornar o palco do gozo bruto e desregrado.

2.2 A denegação e o discurso

Em uma entrevista tornada pública, Epstein é questionado se seu dinheiro é "sujo". Sua resposta: "Não, porque eu ganhei esse dinheiro". Quando confrontado sobre questões éticas, responde: "Ética é sempre uma questão complexa". Essas formulações não constituem meras evasivas, mas expressam um mecanismo caro à estrutura perversa: a **denegação** (*Verleugnung*), conceito freudiano que designa o processo pelo qual o sujeito reconhece a realidade ao mesmo tempo em que recusa sua significação.

Não se trata de ignorar a realidade — Epstein sabe que o dinheiro pode ser questionado, que a ética pode ser invocada. Mas ele **denega** essa significação: o dinheiro é "ganho", portanto legítimo; a ética é "complexa", portanto relativa. Opera aqui o mesmo mecanismo que permite ao perverso reconhecer a lei, mas colocar-se acima dela como exceção. A lei existe para os outros — para ele, há sempre uma brecha, uma complexidade, uma relativização possível.

2.3 Narcisismo e onipotência

Epstein operava como um "facilitador de luxo", um articulador de acessos no interior do poder global. Não construiu poder formal — não ocupou cargos públicos, não comandou instituições — mas dominou os bastidores, cultivando relações com bilionários, políticos, celebridades e membros de famílias reais. Essa posição aponta para um narcisismo grandioso: a fantasia de estar acima do bem e do mal, de manipular os poderosos como marionetes, alimentando a ilusão de ser ele o centro invisível que movia a engrenagem.

A psicanálise nos adverte, no entanto, que essa onipotência é uma defesa contra a castração. Quanto mais o sujeito tenta se colocar como exceção, mais denuncia sua submissão à falta que tenta negar. A queda de Epstein — sua prisão, sua morte —

pode ser lida, nessa perspectiva, como o retorno triunfante da castração que ele tanto tentou denegar.

3. O CASO COMO SINTOMA SOCIAL: A ENGRENAGEM OBSCENA E O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA

A análise mais potente do caso Epstein talvez não incida sobre sua psicopatologia individual, mas sobre o sistema que o sustentou. O psicanalista Washington Araújo, em artigos publicados ao longo dos últimos anos, cunhou a expressão "engrenagem obscena do poder global" para designar a rede de cumplicidades que envolvia muito além de um predador isolado. Esta engrenagem produz um fenômeno clínico-social específico: a busca desesperada por uma "lista de clientes" que, embora oficialmente inexistente nos moldes fantasiados, ocupa o imaginário coletivo como um sintoma desse mal-estar.

3.1 A banalização da violência e o anteparo da fantasia

Araújo (2025) aponta que os arquivos revelam uma "banalização da prostituição e do tráfico sexual de meninas menores de idade, exploradas como mercadoria em ambientes de poder". Essa banalização não constitui um excesso individual, mas um padrão de comportamento que naturalizou a violência sexual como parte do jogo social. Quando uma elite se coloca acima da lei, o que emerge é o retorno do recalado na forma de gozo bruto e desregulado.

A psicanálise freudiana, particularmente em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), já nos advertia que a civilização se sustenta sobre o recalque das pulsões. A cultura exige renúncias, mas promete em troca segurança e laço social. Quando as renúncias são desigualmente distribuídas — quando alguns podem gozar sem limites enquanto outros arcam com o peso da lei — o que se instala é a erosão do laço social.

É aqui que a psicanálise identifica a busca pela "Lista" como um objeto fantasmático. Ela serve como um anteparo que impede a civilização de encarar o Real do abuso sistêmico. É psicologicamente mais "confortável" para a massa focar em uma conspiração de nomes específicos do que admitir que a perversão está entranhada nas próprias instituições. A psicanálise freudiana, em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), já nos advertia que a cultura exige renúncias pulsionais em troca de

segurança. Na contemporaneidade, quando percebemos que alguns podem gozar sem limites enquanto outros arcam com o peso da lei, o laço social sofre uma erosão. A "Lista" torna-se, então, a fantasia que tenta dar um nome e um rosto a um mal-estar que é, na verdade, estrutural.

3.2 O silêncio cúmplice como manutenção da engrenagem

O elemento mais perturbador do caso Epstein talvez seja o silêncio. Figuras poderosas que frequentaram Epstein, que voaram em seus aviões, que visitaram suas propriedades, afirmaram publicamente que "mal o conheciam", mesmo diante de evidências irrefutáveis, mesmo quando e-mails, fotografias e registros de voo comprovavam o contato reiterado.

A psicanálise ensina que o silêncio não é ausência de palavra — é uma posição subjetiva. O silêncio cúmplice, a relativização moral e a disposição em "não perguntar demais" transformaram o crime em rotina e a exploração em moeda de troca. Não se trata apenas de omissão, mas de uma **posição ativa**: a escolha de não saber, de não ver, de não intervir. Essa posição, como nos lembra Araújo (2025), "normalizou a amoralidade como método, o abuso como privilégio e o silêncio como proteção". O que significa que essa "indignação de fachada" focada no espetáculo da lista funciona como uma **resistência institucional**, onde prefere-se o escândalo à elaboração ética, pois o escândalo mantém o espectador na posição de "juiz distante", enquanto a elaboração o convocaria a pensar sua própria participação na manutenção dessas estruturas.

3.3 A repetição social e o Real do abuso

A frase de Araújo encontra ressonância direta no conceito freudiano de repetição. Assim como na clínica individual, a repetição social aponta para um não elaborado — algo que retorna porque não foi simbolizado. O caso Epstein não é o primeiro escândalo sexual envolvendo elites, e certamente não será o último. Enquanto a sociedade não conseguir elaborar o que esse caso revela sobre suas próprias estruturas de poder, esses padrões continuarão se repetindo, em novas roupagens, com novas vítimas.

A psicanálise nos oferece aqui uma ferramenta conceitual preciosa: o sintoma social não é um desvio do sistema, mas sua expressão mais verdadeira. O que o caso Epstein escancara é que, enquanto a sociedade buscar a "Lista" como um fetiche para evitar olhar para a própria engrenagem, o padrão continuará se repetindo. Não é a exceção monstruosa, mas a regra obscena que opera nos bastidores do laço social.

4. A DIMENSÃO CULTURAL E O LABIRINTO DA VERDADE: O QUE A "NÃO LISTA" NOS ENSINA

Um fenômeno interessante que ressurgiu com a liberação dos arquivos foi a associação recorrente do caso Epstein ao filme *De Olhos Bem Fechados* (1999), de Stanley Kubrick. Essa associação, longe de ser mera coincidência cultural, merece uma leitura psicanalítica atenta.

4.1 A obra de Schnitzler e Freud

O filme de Kubrick adapta *Traumnovelle* (Breve romance de sonho), novela do escritor austríaco Arthur Schnitzler, contemporâneo e correspondente de Freud. A obra dialoga diretamente com *A Interpretação dos Sonhos* (1900), explorando a fronteira tênue entre realidade e fantasia, entre desejo inconsciente e os rituais secretos da elite vienense.

Schnitzler, médico e escritor, mantinha com Freud uma relação complexa — este chegou a chamá-lo de seu "duplo". Ambos compartilhavam o interesse pela vida onírica, pela sexualidade e pelos mecanismos inconscientes que governam as relações sociais. *Traumnovelle* antecipa, em forma literária, muitas das descobertas que Freud sistematizava em sua clínica.

4.2 O que o filme revela

De Olhos Bem Fechados acompanha um médico que se infiltra em um ritual secreto de uma elite mascarada. A narrativa mantém deliberadamente em aberto a fronteira entre o que é realidade e o que é projeção psicológica do protagonista. Essa ambiguidade constitui a própria estrutura do inconsciente: não sabemos ao certo onde termina o fato e começa a fantasia, onde cessa a recordação e inicia a elaboração.

O fato de o filme ter sido sistematicamente associado ao caso Epstein não é acidental. Ambos apontam para a existência de "elites blindadas e estruturas de poder pouco transparentes" (Araújo, 2025). Mais do que isso, ambos nos confrontam com uma questão psicanalítica fundamental: **o que fazemos com o que não queremos ver?**

4.3 A virada: o que as investigações oficiais realmente dizem

É neste ponto que a realidade factual, trazida pelos documentos oficiais, produz um choque necessário. Após revisão exaustiva, o FBI e o Departamento de Justiça dos EUA concluíram:

- **Não existe uma "lista de clientes"** com nomes de poderosos cúmplices. O que existe são agendas de contatos e menções em e-mails, o que não configura uma lista de clientes de crimes sexuais (Anadolu Ajansı, 2025).
- **Não há evidências de que Epstein foi assassinado.** As investigações, incluindo a análise de vídeos da prisão, confirmam a tese de suicídio (CBS News, 2026).
- **Faltam evidências de que ele operava uma rede organizada de prostituição para outros.** Alegações de vítimas como Virginia Giuffre não puderam ser corroboradas pelas investigações federais (NPR, 2025).

Essas conclusões oficiais, no entanto, não circularam com a mesma intensidade que as teorias conspiratórias. Por quê?

4.4 Por que a confusão persiste? A "informação tóxica"

A proliferação de teorias não é acidental. A liberação de uma quantidade massiva de dados — muitos de baixa qualidade, sem contexto adequado, com trechos censurados — cria o que especialistas chamam de "informação tóxica". O caso do "minuto perdido" do vídeo da prisão é exemplar: durante anos, teorias conspiratórias alimentaram-se da suposta lacuna, até que uma investigação técnica concluiu tratar-se de um erro de gravação, não de apagamento deliberado (CBS News, 2026).

O Poynter Institute (2025) alerta que esse volume de informações, combinado com a falta de curadoria, "torna impossível a distinção entre o que é relevante e o que é lixo, alimentando um laboratório perfeito de meias-verdades e mentiras completas". A

estratégia, deliberada ou não, produz um efeito paralisante: diante da avalanche, o público tende a eleger a narrativa mais simples, ainda que falsa.

4.5 A perspectiva psicanalítica sobre a busca pela "Lista"

Do ponto de vista da psicanálise, esse fenômeno merece uma leitura atenta. A busca por uma "lista de clientes" pode ser compreendida como uma tentativa de dar forma tangível a um mal-estar difuso. O caso Epstein escancara a existência de um abuso sistemático e de um poder que se julga acima da lei. Diante dessa monstruosidade, a mente humana busca explicações que organizem o caos.

A proliferação de teorias conspiratórias revela uma dificuldade fundamental em elaborar a realidade. É mais confortável acreditar que existe uma conspiração maligna e organizada — um grande Outro perverso que tudo comanda — do que aceitar que o mal pode ser banal, fragmentado, e que o sistema, por suas próprias falhas e conivências, pode permitir que crimes hediondos ocorram sem que haja um único grande vilão por trás de tudo.

A "lista" funciona, nessa economia psíquica, como uma **fantasia** — no sentido lacaniano do termo. Ela tampona o real insuportável da impunidade difusa e da falta de garantias. Se houvesse uma lista, poderíamos nomear os culpados, puni-los, encerrar o caso. Mas a ausência da lista nos confronta com algo mais inquietante: a violência não se localiza em alguns monstros, mas **perpassa o tecido social**, manifestando-se em silêncios cúmplices, em olhares que desviam, em perguntas que não são feitas.

5. UMA PERSPECTIVA CLÍNICA: O ATENDIMENTO DE VÍTIMAS DE ABUSO

Para além da análise social e cultural, o caso Epstein nos convoca a pensar na clínica psicanalítica com vítimas de abuso e exploração sexual. Que contribuições a técnica psicanalítica pode oferecer nesse campo tão delicado?

5.1 O manejo do trauma nas primeiras sessões

Como ensinam as entrevistas preliminares em psicanálise, o acolhimento inicial é crucial. Vítimas de abuso chegam ao consultório frequentemente atravessadas por

uma angústia que remete ao desamparo absoluto, o que Freud (1895/1996) conceitua como **Hilflosigkeit**. O manejo exige que o analista opere inicialmente em uma posição de acolhimento da fala fragmentada, aproximando-se da função de "**secretário do sujeito**" (LACAN, 1955-56/1985), recolhendo os fragmentos da narrativa sem impor sentidos precoces. Observamos com frequência:

- **Silenciamento internalizado:** Aprenderam que a palavra foi desinvestida de sua função comunicativa.
- **Culpa como mecanismo de defesa:** A culpa tenta restaurar a ilusão de controle. "Se eu tiver culpa, poderia ter evitado" — essa equação é um anteparo contra o reconhecimento do desamparo diante do Real.
- **A transferência como suspeita:** A expectativa de que a relação repita a dinâmica abusiva exige do analista uma posição de neutralidade ativa.

Cria-se um espaço seguro para que a narrativa possa emergir. Não se pergunta "o que aconteceu" de forma direta; essa intrusão pode reproduzir a violência original. O objetivo é permitir que o sujeito reconstrua sua gramática pulsional no seu próprio tempo.

5.2 A transferência no atendimento de vítimas

A transferência pode ser vivida em três posições fundamentais: o analista como um novo abusador (repetição), como um salvador idealizado (defesa maníaca) ou como uma **testemunha ética**.

Este último é o ponto de virada terapêutica. Ser testemunha significa validar a existência de um Real que foi desmentido (*Verleugnung*) pelo agressor e pela sociedade. O analista sustenta sua posição — nem abusador, nem salvador — permitindo que o silêncio dure sem ser interpretado como resistência, mas como o tempo necessário para a simbolização.

5.3 A elaboração possível

A elaboração do trauma não significa seu apagamento. Elaborar significa inscrever o acontecimento em uma narrativa, possibilitando que ele não retorne como repetição compulsiva (FREUD, 1920/1996). O testemunho de Virginia Giuffre (2024) ilustra esse

processo: ao transformar o trauma em palavra endereçada, ela se desloca da posição de objeto para a posição de autora de sua própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O QUE RETORNA E O QUE PODEMOS ESCUTAR

O caso Epstein insiste em retornar porque aponta para algo que a civilização ainda não conseguiu elaborar. A psicanálise nos oferece instrumentos para escutar esse retorno: o trauma das vítimas, a estrutura perversa, o silêncio cúmplice e a fantasia da "lista" que busca tamponar o Real.

A inexistência de uma lista oficial não exonera a sociedade; torna o diagnóstico mais inquietante. O caso nos convoca a lidar com o **Não-Todo** (LACAN, 1972-73/1985) e com a castração no campo social, sem inventar fantasias conspiratórias para preencher o vazio. A ética psicanalítica não promete respostas definitivas, mas sustenta a aposta na palavra.

Em suma, com base nas compreensões discutidas, como analistas, nosso norte ético nos obriga a não desviar o olhar e a sustentar a escuta diante do que insiste em retornar. Apostamos que, mesmo na maior obscenidade do poder, a clínica da escuta e a formação sólida pautada no **Tripé (Análise, Supervisão e Teoria)** permitem que sujeitos retomem a palavra e ocupem seu lugar de direito na cultura.

REFERÊNCIAS

Anadolu Ajansı. (2025, 7 de julho). *US Justice Department, FBI say Epstein had no 'client list,' committed suicide: Report*.

Araújo, W. (2025). A engrenagem obscena do poder global: leituras psicanalíticas do caso Epstein. *Revista de Psicanálise e Cultura*, 23(2), 45-62.

CBS News. (2026, 11 de fevereiro). *Mystery of the missing minute from Epstein jail cell solved*.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1895). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914). *Recordar, repetir e elaborar*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1920). *Além do princípio do prazer*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1930). *O mal-estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Giuffre, V., & Wallace, A. (2024). *Garota de Ninguém: A história real de uma sobrevivente do tráfico sexual que enfrentou Jeffrey Epstein*. Rio de Janeiro: Record.

LACAN, J. **O Seminário, livro 3: as psicoses** (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. (1964). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. **O Seminário, livro 20: mais, ainda** (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

NPR. (2025, 8 de julho). *DOJ memo says no evidence of Jeffrey Epstein 'client list' or blackmail*.

Poynter Institute. (2025, 18 de dezembro). *What's true — and what isn't — about Jeffrey Epstein, 6 years later*.

Schnitzler, A. (1926). *Traumnovelle (Breve romance de sonho)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

The New York Times. (2025, 16 de julho). *The Epstein story is both conspiracy theory and genuine scandal*.

Time Magazine. (2025, 7 de julho). *New Memo Rebuts Epstein Conspiracies: What to Know*.